

A afetividade como um regulador psíquico humano

Fausto Eduardo Menon Pinto

Psicólogo, Mestre em Educação pela UNICAMP.
Professor de Psicologia da Prefeitura de Aguaí/São Paulo.
e-mail: faustomenon@bol.com.br

Received 25 June 2007; accepted 17 October 2007.

RESUMO

Este texto apresenta uma breve discussão sobre o tema afetividade como um importante regulador do psiquismo humano. Discute-se também, como sugestão, novos caminhos à compreensão do funcionamento do psiquismo com a idéia de complexidade, entendendo que uma maior compreensão deste pressuposto poderá fazer com que o psicólogo entenda melhor o dinâmico processo mental.

Palavras-Chave: Psicologia; Funcionamento psíquico; Emoção; Sentimento; Afetividade

The affectivity like a human soul regulation

ABSTRACT

This text approaches a brief communicate about affectivity's theme akin to an essential regulation in human psyche. It has discussed too, seeing that suggestions, a new accomplish in the comprehension at functional psyche with an idea of complexity, provide work for that major awareness this vision making to the psychologist understanding better than the dynamic mind process.

Keywords: Psychology; Functional soul; Emotion; Feeling; Affectivity

INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe dialogar acerca da problemática da afetividade, como um dos conteúdos psíquicos que exercem um papel importante no funcionamento psicológico do ser humano. Vale destacar que boa parte do conjunto de idéias, que aqui serão discutidas, provêm das reflexões de Araújo (1998, 1999, 2003) sobre a construção teórica de um sujeito psicológico.

Para a realização desse objetivo, dividiu-se o artigo em partes distintas. Na primeira parte, há uma descrição acerca da conceituação da Psicologia, no enfoque das Ciências Naturais. Uma vez feito isso, apresenta-se uma análise do tema envolvido, discutindo-o em aspectos relevantes ao funcionamento psicológico, notadamente no que se refere à regulação desse funcionamento.

É interessante dizer que não se pretende resgatar o tema por completo e tampouco se valer de uma discussão pormenorizada. Muito pelo contrário, acredita-se que a revisão deste material traga perspectivas que vão ao encontro de novas formas de se conceber o funcionamento psicológico, que não sejam tão-somente pela fragmentação do conhecimento em categorias cada vez mais diminutas e dissociadas entre si.

1) A origem da Psicologia: uma breve introdução crítica

Há tempos, o ser humano tem se empenhado em procurar entender os motivos que desencadeiam este ou aquele comportamento, ou melhor, adoraria conhecer o seu próprio funcionamento psicológico e o de outrem.

Para efeito de comentário, na região do Egito Antigo existia a figura do feiticeiro, cuja imagem era de uma pessoa que tinha a capacidade de auscultar a subjetividade humana, servindo-se da apreensão de forças sobrenaturais, com o intento de curar as mais variadas moléstias, orgânicas ou mentais¹. Sem dúvida alguma, nessa época os deuses exerciam grande influência na vida dos mortais.

¹ Para maiores detalhes, ver: Abrams, H. N. The dictionary of ancient egypt. British Museum Press: London, 1995.

No entanto, com o passar do tempo os seres humanos detiveram-se a em observar e a em compreender, cientificamente, os mais variados fenômenos. Inventaram, por exemplo, meios técnicos, como o advento do microscópio e o telescópio, que possibilitaram a ampliação da capacidade perceptiva.

Dessa forma, o empreendimento científico garantiu ao ser humano aumentar as suas percepções, possibilitando-lhe enxergar universos macro e micro físicos pouco imagináveis. Com isso, aumentou-se substancialmente a quantidade e a qualidade dos experimentos, de tal sorte, que houve um acúmulo considerável de conhecimento que se propagou numa Revolução Científica, uma vez que...

...la revolución se produjo gracias a científicos que se planteaban preguntas dentro del ámbito una respuesta experimental y que limitaban sus investigaciones a los problemas físicos más que a los metafísicos, en especial, a aquellos aspectos del mundo físico que pondrían expresarse en términos matemáticos (Valera, 1993, p. 94).

Além de simplesmente desvendar os fenômenos externos, coube também ao ser humano, pensando reflexivamente, importar-se com um objeto que lhe é muito particular: “ele mesmo”. Avaliando sua conduta e seus pensamentos mais íntimos, compreendeu que existia um universo jamais explorado: idéias, imaginação, sonhos e sentimentos. Isto é, um universo com características psicológicas. Eis aí um dos prováveis motivos para o nascimento da Psicologia.

Desde essa ocasião, parece que a Psicologia tem adotado uma forma alternativa de explicar o funcionamento psicológico humano, além daquela oferecida por poetas e filósofos. Por exemplo, os poetas, por meio do domínio da linguagem escrita, sublinhavam o universo subjetivo de suas personagens, tais como a inveja, a paixão, o ódio, e assim por diante, sem se valerem, ao menos, de uma explicação metódica e científica sobre seus sentimentos.

Ademais, no que condiz com o objetivo principal de compreender o funcionamento da alma humana, o saber psicológico aventurar-se-ia em desvendar,

em termos experimentais, as leis-causais que modulam o psiquismo humano. Em outras palavras...

A Psicologia torna-se científica, dentro dos cânones das ciências físicas, quando passa a controlar seus objetos de investigação, podendo repeti-los em condições determinadas previamente. A generalização dos resultados é alcançada, repetindo-se os experimentos, evitando o acaso, e testando cada hipótese levantada (Ferreira, 2000, p. 67).

Sprung e Sprung (2001) afirmam que o desenvolvimento da Psicologia, no século XIX, enraizado pelos parâmetros práticos e verificáveis, esteve envolvido na constituição de uma ciência com bases filosófico-conceituais e no método empírico, o que culminou com a construção de institutos de pesquisa e, principalmente, na formalização, na Europa, de cursos de graduação na área. No que tange propriamente à Psicologia, sua missão se constitui em elaborar...

...leis gerais e explicando os acontecimentos, subsumindo-os a estas leis. Para a elaboração das leis, que descrevem as regularidades universais, cumpre controlar e, parcialmente, anular a subjetividade (Teixeira e Nunes, 2000, p. 75).

Nesse sentido, entende-se que a Ciência acabou se enveredando, única e exclusivamente, pelos caminhos de um conhecimento mecanicista e racionalista, no entendimento do universo fenomenal, restringindo os objetos em fragmentos cada vez mais distintos entre si. “Tal disjunção separou o conhecimento científico e a reflexão filosófica e provocou, dentre outras conseqüências, a separação dos três grandes campos do conhecimento: a física, a biologia e as ciências do ser humano” (Araújo, 2002, p. 226). Atendo-se ao tópico que fora mencionado, Crema (1989, p. 38) assevera que...

“Praticamente todo o século XIX também caracterizou-se por uma eufórica crença no determinismo racional que desvelaria todos os segredos da alma e do universo (...) Sua

característica, basicamente reducionista, conduziu a um aprofundamento da referida crise de fragmentação...”

2) A complexidade e o sujeito psicológico: um (novo) olhar à Psicologia

De acordo com o último parágrafo do item anterior, contesta-se a hegemonia de uma Ciência fragmentada. Pensando em oposição à fragmentação, Auyang (1998) enfatiza que o ser humano, notadamente o seu sistema orgânico, possui uma quantidade estimável de sistemas (como o renal, o digestório, o respiratório...) que se entrecruzam entre si, fomentando um funcionamento biológico de multiplicidades, em que cada sistema vai interferir no funcionamento de outro e assim sucessivamente, tal como num jogo de relações.

Sob essa óptica, faz-se possível a reorganização do ser humano psicológico, não mais em conteúdos fragmentados, e sim em sistemas, ou em dimensões, ou seja, próximo de um entendimento de complexidade. Hoje em dia, é sabido que:

“O reconhecimento da falta de uma concepção integradora no domínio da Psicologia tem vindo a crescer nas últimas décadas, designadamente no que se reporta à compreensão do comportamento humano (...) do desenvolvimento dessa realidade complexa, multidimensional (Abreu, 2002, p. 41–42).”

Por complexidade, supõe-se o fenômeno paradigmático que se preza pelo anti-reducionismo (Lecourt, 1999; Morin, 1997), envolvendo um conjunto totalizante de múltiplas partes do universo fenomenal e a correlação destas partes com o todo. “O grande avanço do pensamento complexo é procurar coordenar, em uma mesma perspectiva, os aspectos parciais e a totalidade da realidade” (Araújo, 2000, p.94). Na complexidade,

“{...} não predomina o raciocínio fragmentador (o modelo mental binário do ou/ou: ou amigo, ou inimigo; ou bem, ou mal; ou certo, ou errado; ou ocidente, ou oriente; etc.). Tampouco prevalece o utopismo da primazia do todo — o sistemismo reducionista” (Mariotti, 2003, p. 1).

Por influência dessa idéia de complexidade, o ser humano seria considerado como um sistema complexo e multidimensional, composto de várias dimensões psíquicas interligadas e funcionando em comunicação entre si. Resumidamente,

“Trazemos essa discussão por sentir que faltam a muitas teorias psicológicas a noção de totalidade, de que cada sujeito é muito mais do que um aparelho cognitivo, ou afetivo, ou biológico, ou sociocultural” (Araújo, 1999, p. 68).

Assim sendo, compreende-se o sujeito psicológico, na complexidade, como,

“{...} um ser que sente emoções, que sente fome, que vive imerso em relações com um universo objetivo e subjetivo e que possui uma capacidade intelectual e afetiva que lhe permite organizar e interpretar essas relações com o mundo interno e externo” (Araújo, 1999, p. 46).

O sujeito psicológico estaria imerso em inúmeras dimensões “{...} que interagem entre si de maneira dinâmica e interdependente” (Araújo, 1999, p. 73). São bons exemplos dessas dimensões, a cognição, a afetividade, o sociocultural e o biológico. Um parêntese: este ser humano estaria ainda envolvido na dimensão da consciência e no inconsciente, conjuntamente. Contudo, o foco deste artigo, em absoluto, não trará detalhes do desenvolvimento desta hipótese inicial – deixando para um outro material tal exposição detalhada.

Com efeito, vale sublinhar que o sujeito psicológico não é uma mera união de dimensões, e sim a incorporação dinâmica delas, cada qual com seu status e conteúdos próprios (Araújo, 1998), perfazendo assim um modelo teórico em que se abstém a idéia de disjunção e de redução. E aceitar este rumo conceitual é distanciar-se cada vez mais da tradição cultivada pela Ciência Natural em fragmentar e reduzir a realidade fenomenal em objetos compartimentalizados. Nessa questão, este novo enfoque conceitual avança a passos largos, pois.

“A intenção é defender uma visão heurística para o funcionamento psíquico humano, porque não acreditamos que leituras parciais e dicotomizadas do sujeito psicológico e do mundo dêem conta de explicar a realidade com que ele defronta no dia-a-dia, de explicar todas as variáveis que influenciam seu pensamento e sua ação” (Araújo, 1999, p. 145).

Como hipótese conceitual, o ser humano psicológico funcionaria como um princípio complexo multidimensional, na proporção em que os sistemas (ou dimensões psíquicas) têm um “peso” no funcionamento psíquico humano. Em síntese,

“{...} para melhor compreender esse ser psicológico complexo, podemos estudar separadamente seus aspectos cognitivos, afetivos, socioculturais e biológicos e suas relações como o mundo físico, interpessoal e sociocultural a sua volta. Não se deve, porém, perder a perspectiva de totalidade e coordenação interna e externa desses sistemas” (Araújo, 1999, p. 68).

É possível compreender que para o sujeito psicológico, composto de várias dimensões, faz-se imprescindível à existência de algo que organize o funcionamento psíquico. A esse “algo” surge o conceito de regulador psíquico. Sobre o conceito “regulador”, tem-se que:

“{...}nossa hipótese é a de que, em seu funcionamento psíquico, o sujeito psicológico utiliza-se de vários elementos ‘funcionais’ (ou ‘colas’) que nesse momento, gostaríamos de definir como reguladores” (Araújo, 1999, p. 74).

O termo regulador se refere aos elementos que existem nos diversos sistemas psicológicos, permitindo a relação de um sistema com os demais e, melhor ainda, possibilitando o funcionamento do psiquismo humano como um todo. A título de ilustração, a dimensão biológica poderia ter como reguladores, os neurotransmissores; aquelas substâncias que facilitam o diálogo entre as células nervosas alterando o

funcionamento em nível cerebral. “Dessa maneira, no modelo com que trabalhamos, o sistema biológico possui seus reguladores, que interferem no funcionamento afetivo, cognitivo e social do sujeito” (Araújo, 1999, p. 74–75). Já na dimensão sociocultural haveria a linguagem como um mediador entre o ser humano e a sociedade. Em relação ao regulador cognitivo, os esquemas mentais seriam os seus representantes, coordenando a capacidade de acúmulo e organização do conhecimento.

3) A afetividade como um regulador psíquico: uma breve proposta de estudo

Uma outra dimensão de grande apreço, neste pressuposto teórico, é a afetiva. Destarte, entende-se que:

“A afetividade, portanto, seria um termo genérico que dá qualidade ao que é afetivo, que dá significado ao conjunto de afetos que sentimos em relação a nós mesmos e aos demais, à vida, à natureza; etc” (Araújo, 2003, p. 156).

Nesse debate teórico, pode-se supor que a afetividade acolheria as expectativas reais de lidar com um ser humano imerso em um complexo universo de significados simbólicos e de atribuições valorativas relacionadas a variadas experiências, pessoas e objetos, o que vem a significar que a afetividade consegue englobar uma porção de estados de ânimo e uma organização viva de significados e conteúdos psicológicos, tais como tristeza, amor, paixão, inveja, desesperança e outros mais.

De modo particular, procura-se caracterizar a afetividade não só como um conteúdo psicológico que sensibiliza de modo agradável e/ou desagradável os seres humanos, mas como aquele que, com certeza, aloja em si mesma um rol de significados e conteúdos psicológicos próprios.

A propósito do “regulador”, agora no domínio da afetividade, pode-se:

“{...}incluir os sentimentos e os valores {...} sentimentos como a culpa e a vergonha e alguns valores como a honestidade, a generosidade e a coragem podem influenciar o

funcionamento psíquico da cognição, na construção da linguagem e na própria constituição física do sujeito” (Araújo, 1999, p. 76).

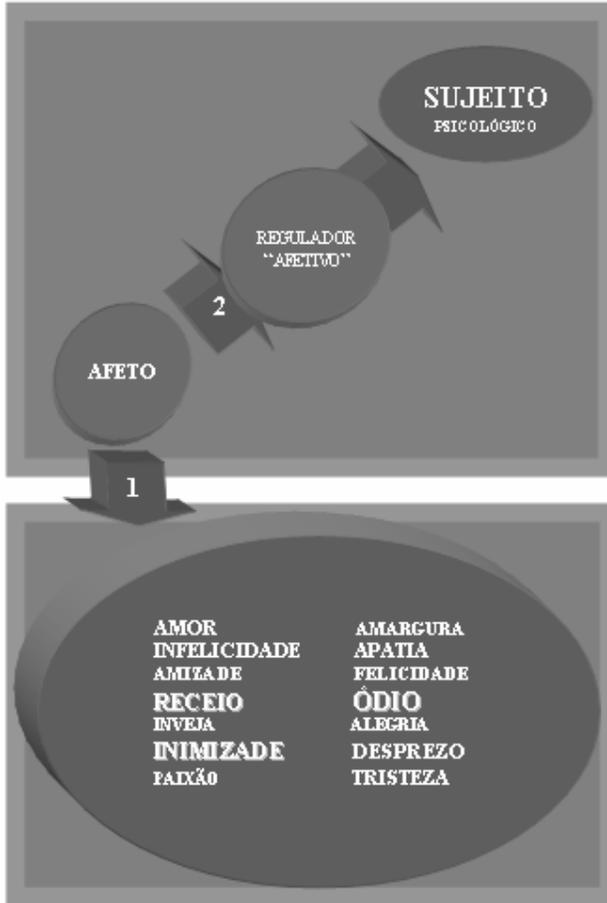
Uma primeira leitura crível, relacionada à noção de regulador e à de afetividade é que ele apresenta o denodo de se observar os conteúdos psicológicos desta dimensão (a saber: tristeza, alegria, desprezo, felicidade, inveja, ódio...) e uni-los a diferentes saberes, como a dimensão cognitiva. Em tese, haveria uma relação funcional e dinâmica entre “coração e razão” (isto é, afetividade e cognição) no sujeito psicológico, de tal modo que nenhuma anularia o papel da outra, mas sim elas se interporiam uma a uma. Exemplificando:

”Os esquemas de ação descritos pela teoria piagetiana também podem ser entendidos como reguladores, pertencentes ao sistema cognitivo. Um determinado esquema de ação, como o de sucção, possui uma interdependência com os demais sistemas. Por exemplo, seu funcionamento no momento de a criança mamar tem uma interna relação com o sistema afetivo, no tipo de atribuição valorativa que a criança dá ao seio” (Araújo, 1999, p. 75).

4) Considerações finais

Neste artigo, tentou-se conceber a afetividade como um fenômeno particular na regulação do funcionamento psicológico humano. Em razão disso, procurou-se caracterizá-la, não apenas como um simples conteúdo que sensibiliza, de forma agradável ou desagradável, a conduta dos seres humanos – mas como aquele que, com certeza, aloja em si mesma um rol de significados e conteúdos próprios.

Seja com for, a afetividade pode ser entendida como uma dimensão psíquica, que vem a exercer influência no funcionamento psicológico, com o seu respectivo regulador psíquico, tendo correspondência direta com os demais sistemas do sujeito psicológico em uma intercomunicação dinâmica e interferindo, por sua vez, em sua conduta de “pensar-agir-sentir”.



O esquema, acima, traz, visualmente, um pequeno esquema gráfico que versa sobre o dinamismo do sujeito psicológico. Como se pode observar, a dimensão afetiva (uma das muitas constituintes do sujeito psicológico, como também o sistema biológico e o cognitivo) tem os seus respectivos conteúdos (ver os detalhes na seta 1) que podem ser esses os respectivos reguladores (ver os detalhes na seta 2) e, com isso, modificar a funcionalidade do psiquismo humano: alterando com isso a maneira dele pensar-sentir-agir sobre o meio ambiente e, principalmente, consigo mesmo. Entenda que o desenho, apesar de propor, por puro didatismo, uma construção linear com setas unidirecionais, não o consegue resumir como ocorre na realidade psíquica concreta. Pense que isso existe na realidade através de uma inter-relação dinâmica (muito além de “setas inertes”) entre as mais variadas dimensões do sujeito psicológico.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, M. V. A complexidade bio-psico-sócio-axiológica da personalidade humana: contributos para uma teoria integradora. *Psychologica*. Coimbra, v. 30, p. 41–55, 2002.
- ARAÚJO, U. F. A dimensão afetiva da psique humana e a educação em valores. In: Arantes, V. A. (org). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. Disciplina, indisciplina e a complexidade do cotidiano escolar. In: Oliveira, M. K. de et al. *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.
- _____. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 91–107, 2000.
- _____. *Conto de escola: o sentimento de vergonha como um regulador moral*. São Paulo/Campinas: Moderna/Unicamp, 1999.
- _____. *O sentimento de vergonha como um regulador moral*. São Paulo: Instituto de Psicologia/USP, 1998 (Tese de Doutorado).
- AUYANG, S. Y. *Fudactions of complex-system theories*. United Kingdom: University Cambridge Press, 1998.
- CREMA, R. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho mundo ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.
- FERREIRA, M. G. *Concepções de subjetividade em psicologia*. Campinas: Pontes, 2000.
- LECOURT, D. *Dictionnaire d'histoire et philosophie des sciences*. Paris: PUF, 1999.
- MARIOTTI, H. Os cinco saberes do pensamento complexo. Disponível em: <http://www.edgarmorin.sescsp.org.br/arquivo> Acesso em 14 de abril de 2003.
- MORIN, E. *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 1997.
- SPRUNG, L. History of modern psychology in germany in 19th –and– 20th –century thought and society. *International Journal of Psychology*. United Kingdom, v. 36, n. 6, p. 364–376, 2001.
- TEIXEIRA, R. P.; NUNES, M. L. T. A natureza científica da psicologia. *Psicología Argumento*. Curitiba, v. 17, n. 27, p. 67–78, 2000.
- VALERA, M. GALILEO y la nueva metodología. In: Quiñonez, E. et alii. *Historia de la psicología*. Madrid: Tecnos, 1993.